



RELAÇÕES INTERPESSOAIS: MUITOS PARENTES: UMA ANÁLISE DO APADRINHAMENTO DE MECKLENBURGUESES NO RIO GRANDE DE SÃO PEDRO OITOCENTISTA

Caroline von Mühlen¹

Resumo

Baseada na observação micro-analítica, buscou-se a partir da genealogia de alguns ex-prisioneiros, estabelecidos no Rio Grande do Sul, em 1825, sob o qualificativo de colonos, reconstituir a trajetória e história de socialização de algumas famílias, tendo como variável o apadrinhamento dos filhos, netos, bisnetos dos Witt e dos Scheck. Para analisar o compadrio, cruzamos as informações contidas no livro de registros da Comunidade Evangélica de São Leopoldo e Três Forquilhas e, sobretudo em alguns inventários dos mesmos. No entanto, cabe inferir que permaneceram várias lacunas, uma vez que as diversas fontes analisadas não apresentaram informações específicas. Nessa pesquisa, o compadrio pode ser percebido como um importante elemento de constituição e/ou consolidação de laços de sociabilidade, bem como de inserção social na comunidade local.

Palavras-chave: Compadrio. Mecklenburgueses. Inserção social

Introdução

Dentre os estudos sobre imigração alemã, a organização social dos alemães e seus descendentes recentemente tem recebido um novo olhar e uma especial atenção. Novas metodologias e o cruzamento de variadas fontes – cartoriais, judiciais, eclesiásticas – permitem ao pesquisador, observar aspectos que até então não eram privilegiados no estudo acerca da imigração alemã. O estudo do compadrio, por exemplo, apresentou novas e importantes informações acerca da organização e comportamento dos escravos, negros e pardos livres. Cacilda Machado (2006, p. 280) identificou que “o batismo foi o sacramento católico mais comum entre os escravos, que através dele multiplicaram os laços de parentesco espiritual, dentro e fora do cativeiro”². Cabe destacar que o compadrio gerava

¹ Mestre em História pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS. Endereço eletrônico: carolinevm7@hotmail.com; telefone para contato: (51) 97914908.

² Alguns trabalhos defendiam que raramente os senhores apadrinhavam seus cativos. Outros que o compadrio era muito mais complexo, visto que havia laços de solidariedade entre padrinhos e afilhados e entre compadres. Para José Roberto Góes, “o compadrio era uma das formas de incorporar os africanos recém-chegados, e de propiciar meios de socialização de modo a formar uma comunidade escrava”. Mais informações, ver: GUDEMAN, Stephen & SCHWARTZ, Stuart. Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII. In: REIS, João José (Org.) *Escravidão e Invenção da Liberdade*. Estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988. FERREIRA, Roberto Guedes. *Na Pia Batismal*. Família e Compadrio entre Escravos na Freguesia de São José do Rio de Janeiro (Primeira Metade do Século XIX). 2000. Dissertação (Mestrado em História) -- PPGHIS-UFF, Niterói, 2000; NEVES, Maria de F. Rodrigues das. Ampliando a família escrava: compadrio de escravos em São Paulo do século XIX. In: *História e População*. São Paulo:

uma relação de parentesco entre as famílias envolvidas, e essa relação, contudo, gerava um vínculo de cumplicidade e consolidava os laços de sociabilidade. Dito de outra forma, “através do compadrio, se solidificam laços entre sua família e a dos padrinhos e madrinhas” (BRÜGGER, 2004).

No ato do batismo, a figura do padrinho representa uma espécie de ‘pai espiritual’ do batizando, assumindo o papel de representante da criança na cerimônia, seu guardião e protetor em potencial. Desse modo, o padrinho desfrutava de uma posição de respeito e prestígio junto aos demais envolvidos nas cerimônias (MONTEIRO, Roberta Ruas. Apud SCHWARTZ, 1999, p. 66).

Tanto os enlaces matrimoniais, como o compadrio caracterizaram-se como redes sociais estabelecidas pelos mecklenburgueses – do mesmo grupo étnico e origem, do mesmo grupo étnico, porém de outros territórios germânicos e/ou outros grupos étnicos – vertical e horizontalmente para se inserir na sociedade local. Desse modo, utilizaremos registros paroquiais – batismo, casamento e óbito – e inventários para analisar o compadrio da família Scheck – estabelecidos em São Leopoldo e Porto Alegre - e da família Witt - estabelecidos em Três Forquilhas.

Via de regra, os dados encontrados nos registros eclesiásticos fornecem verdadeiras informações sobre a história de uma ou várias famílias. Informações como nome, naturalidade, idade dos pais, nome dos padrinhos da criança, nome do pastor da paróquia. Além disso, permitem observar a influência de uma família, através do número de apadrinhamentos, a mobilidade geográfica, ou seja, ajudam a defender o fim da *tese do isolamento* e do *desaparecimento* dos mecklenburgueses. Compartilhando da mesma ideia, Dreher (1999a, p. 235-236) afirma que,

os livros [paroquiais] nos dão não só informações a respeito da criança batizada, dos noivos ou dos falecidos. Mostram-nos verdadeira história familiar. Assim, somos informados sobre o local de nascimento dos pais, sobre as relações de compadrio, sobre o nome do padrinho ou madrinha, do qual a criança recebe o seu nome.

Ana Paula Pruner de Siqueira (2008) lembra que

com esta documentação, é possível averiguar informações referentes à data do acontecimento, ao batizando, a seus pais, ao proprietário destes, aos padrinhos, a sua condição social; à origem e situação dos noivos, à origem, condição social e estado civil do falecido e por vezes o motivo do falecimento.

ABEP/IUSSP/CELADE, 1989; BOTELHO, Tarcísio R. Batismo e compadrio de escravos: Montes Claros (MG), século XIX. *Locus Revista de História*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997, pp. 108-115, v. 3; FARIA, Sheila de Castro. *A Colônia em Movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998; BRÜGGER, Silvia MJ. *Minas Patriarcal - Família e Sociedade* (São João del Rei, Séculos XVIII e XIX), 2002, Tese (Doutorado em História) -- UFF, Niterói, 2002, cap. 5. SLENES, Robert W. “Senhores e Subalternos no Oeste Paulista”, in ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. SP, Cia. das Letras, 1997, p. 271. GÔES, José Roberto. *O cativo imperfeito*. Um estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. Vitória (ES): SEJC/SEE, 1993. RIOS, Ana Maria Lugão. *Família e Transição*. Famílias negras em Paraíba do Sul 1872-1920. 1990, Dissertação (Mestrado em História) -- PPGHIS-UFF, Niterói, 1990, pp. 56-59.

Dispondo desse tipo de fonte e em razão da carência de estudos acerca do compadrio entre os colonos alemães, intentamos acrescentar novos aspectos ao quadro historiográfico existente. Se o compadrio caracteriza-se como um laço não consanguíneo, no qual era proporcionada a socialização e a formação de uma nova comunidade, é nas escolhas dos padrinhos que verificamos tais aspectos. Os compadres e as comadres eram considerados integrantes da mesma família, pois eram vistos como “segundos pais”. No início da colonização, os padrinhos “tinham obrigações, que geralmente cumpriam de orientar, auxiliar e tomar a seu cargo o afilhado em caso de orfandade” (AMADO, 2002, p. 46). Após 1845, outros fatores passaram a determinar a escolha dos padrinhos. Como por exemplo, pertencer ao mesmo nível socioeconômico do afilhado e/ou escolher pessoas mais ricas. Dificilmente escolhiam padrinhos mais pobres que o afilhado.

Compadrio da Família Witt

Johann Carl Witt e Maria Luiza Feldner deixaram o Presídio e Casa de Correção, em dezembro de 1824. Ambos integraram a “turma” de 102 pessoas embarcadas no navio *Wilhelmine*. Johann Carl, na ocasião da saída, tinha 36 anos de idade, era solteiro e foi acusado de furtar um cavalo. Condenado a seis anos de reclusão, era mantido pela caixa da instituição. Maria Luiza, no entanto, seguiu para o Brasil na condição de criada de Johann Carl Witt, pois ainda não havia casado, já que ela tinha impedimento: já era casada. Condenada a quatro anos de reclusão por furto, Maria era mantida pela caixa criminal da Casa de Correção. O matrimônio do casal só foi realizado por um padre, pois ambos professavam religião luterana, em 21 de junho de 1825, em Porto Alegre³. Para o padre, Maria Luiza (em primeiras núpcias) não fora casada, já que abençoada em seu matrimônio por pastor luterano, vivia em concubinato.

Ao que tudo indica, a família Witt se estabeleceu inicialmente em São Leopoldo e, em 1826, integrou a caravana que seguiu para Torres. Devido à falta do primeiro livro de óbitos de Três Forquilhas, não sabemos a data do óbito de Maria Luiza, mas podemos afirmar que ela se transferiu para Torres com seu marido e seu filho Johann Carl Philipp, uma vez que os nomes estavam listados na relação nominal dos colonos que voluntariamente decidiram ir para Torres (sob número 19, 20 e 21, Johann Carl Witt, sua mulher Maria e seu filho Johann Carl Philipp). Na lista da relação nominal, a família apareceu sob o número 5 e, na ocasião, receberam duas enxadas, um machado, uma foice, um cavalo, duas éguas, dois bois e uma vaca, ou seja, utensílios para trabalhar na agricultura⁴.

³ Mais informações, ver: ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes Alemães: 1824 – 1853*. Porto Alegre: EST, 2005, p.25.

⁴ Mais informações, ver: FENSTERSEIFER, Ellen. *Aspectos gerais da Colônia alemã de Três Forquilhas*. 1973. Trabalho de conclusão (Graduação em História) -- Unisinos, São Leopoldo, 1973.

Em relação aos filhos do primeiro enlace matrimonial, cabe destacar que encontramos algumas informações incoerentes. Enquanto que no Códice 333 consta a informação de que Johann Carl e Maria Luiza tiveram duas filhas, ao analisar o Livro de registros da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas, deparamo-nos com a informação do nascimento de um filho do sexo masculino, porém batizado na religião católica. Já em relação ao outro filho, não encontramos informações.

Carl Witt, filho do seu primeiro casamento, nasceu em São Leopoldo e, em 1826, também seguiu para Torres. Provavelmente a família Witt conhecia a família de Catharina Hoffmann, sua noiva, antes do casamento, visto que, em 1851, os Hoffmann aparecem como padrinhos de um filho de Benis Witt (irmão paterno de Carl). Outro indicativo que levamos a pensar que ambas as famílias se conheciam antes do casamento, é o fato de que tanto a família Witt, quanto a família Hoffmann, viviam da agricultura.

Quanto à religião, constatamos que somente o casamento de Johann Carl Witt e o batismo dos filhos da primeira união foram realizados por um Padre. Os demais casamentos, batismos, óbitos da nossa análise, foram mantidos na tradição luterana. Conforme já foi enfatizado anteriormente, não sabemos quando Maria Luiza faleceu e quando Johann Carl se casou com Elisabeth Geb, em segundas núpcias. Partimos do pressuposto de que após o falecimento de Maria Luiza, Johann Carl Witt deixou Três Forquilhas para morar em São Leopoldo. Em relação à mobilidade espacial, as informações são compatíveis. Analisando o Livro de Registros da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas, observamos uma lacuna entre 1837 a 1848, correspondendo exatamente ao período em que Johann Carl Witt batizou, em São Leopoldo, cinco filhos, decorrentes do casamento com Elisabeth Geb. O primeiro filho, Peter Witt nasceu em vinte e dois de abril de 1839. Os padrinhos da criança foram Peter Petersen e Catharina Niederauer. Jacob nasceu em dez de março de 1841 e faleceu no mesmo ano, com nove meses de vida, tendo como padrinho Jacob Beck, Heinrich Ernest Beck e Elisabetha Beck apadrinharam o quarto filho dos Witt, Heinrich nascido em vinte e dois de dezembro de 1845. Joanna Bárbara nasceu em vinte de setembro de 1842 e os pais estreitaram laços de parentesco com Johannes Dauth, Barbara Agner e Barbara Dauth. O último filho batizado em São Leopoldo foi Carl Witt, nascido em quatorze de novembro de 1846. Os padrinhos da criança foram Carl e Carolina Roth. Podemos perceber através dessas informações que os Witt objetivaram fortalecer laços com famílias que não eram provenientes das Casas de Correção. Dito de outra forma, houve uma ampliação da rede parental com pessoas do mesmo grupo étnico – destaca-se a manutenção da endogamia étnica -, no entanto de outros locais germânicos. Os demais filhos foram batizados em Três Forquilhas - criando laços de parentesco com os Maschmann, Eberhardt, Knewitz, Hoffmann, Karst.

O casal Johann Carl e Elisabeth Geb teve nove filhos, e todos contraíram enlace matrimonial em Três Forquilhas, com exceção de um que viveu só nove meses. Os sobrenomes Knewitz, Beck, Geb e Bruschi aparecem com frequência, seja como cônjuges de filho ou filha dos Witt, como padrinhos de netos e/ou bisnetos do genearca Johann Carl Witt, ou ainda convidando membros da família Witt como padrinhos. Por exemplo, ainda em São Leopoldo, Witt foi padrinho de Carolina Beck, filha de agricultores.

Nesse caso, tudo indica que ocorreu uma espécie de ampliação da rede de relações sociais, via parentesco, amizade e vizinhança com uma geração já estabelecida na região, principalmente porque os cinco primeiros filhos do casal nasceram em São Leopoldo. Nesse sentido, havia a necessidade de firmar e ampliar os laços com famílias estabelecidas há mais tempo em Três Forquilhas. No caso de Benis Witt, provavelmente conheceu sua noiva bem antes do casamento, pois era conhecida dos Witt (Dorothea Geb tinha vínculos de parentesco com os Geb) em decorrência das segundas núpcias de Johann Carl. Além disso, constatamos o fortalecimento de laços com os iguais, isto é, com Heinrich Bruschi (acusado de furtar um cavalo) também era ex-prisioneiro de Mecklenburg-Schwerin e veio para o Brasil no mesmo navio que trouxe a família Witt.

O rompimento dos laços de endogamia pode ser verificado quando Carl Witt adotou Elia Witt (nascida em 11/01/1873), filha ilegítima de Maria Pereira de Souza. Provavelmente era filha de Maria Gross, casada com José Pereira de Souza, mestre pedreiro e agricultor⁵. Não há mais informações acerca da adoção, mas a família Gross firmou laços matrimoniais com os Witt (esta atitude representa um laço de amizade). Não obstante, essa atitude sinaliza a ampliação da rede de relações sociais, na qual cônjuges de origem brasileira serão aceitos.

O filho do genearca, casal Carl Witt e Catharina Hoffmann teve sete filhos. Anna Maria nascida em 1855, foi apadrinhada por Peter e Anna Schütt, Anna Maria Hoffmann. Christian August, foi apadrinhado por August Hoffmann, Anna Elisabetha Knewitz e Elisabetha Eberhardt, em 1862. Em relação aos dois filhos, não encontramos informações sobre o matrimônio, talvez não se casaram, assim como Wilhelmina. Catharina Barbara, nascida em 1857 também foi apadrinhada pelas famílias Hoffmann, Kramer e Becker. Chamou atenção o laço matrimonial realizado, em 1875, entre o casal Catharina Bárbara e Joaquim Bruschi. Devido à não existência do livro de óbitos de Três Forquilhas, trabalhamos com a hipótese de que Joaquim Bruschi era viúvo (filho do falecido Johann Bruschi e Bárbara⁶). Esse fato

⁵ José Pereira de Souza, "mestre-pedreiro" foi contratado pelo Pastor Voges para construir sua casa e a igreja, em Três Forquilhas. Mais informações, ver WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul, Século XIX*, São Leopoldo: Oikos, 2008.

⁶ Provavelmente o Johann Bruschi, sogro de Catharina Bárbara Witt, e Heinrich Bruschi, prisioneiro de Mecklenburg, eram a mesma pessoa. Analisando os autos acerca do recrutamento, consta na lista de emigrantes, o prisioneiro Heinrich Bruschi de 21 anos de idade, acusado por furtar um cavalo; foi condenado a

explicaria a diferença de vinte e quatro anos em relação à idade da noiva. Cabe destacar que além do vínculo étnico e de amizade, o vínculo profissional deve ter desempenhado grande importância, visto que, Joaquim Bruschi foi agricultor e pecuarista em Três Forquilhas (fortalecimento e ampliação dos vínculos profissionais entre sogro e genro), assim como os Hoffmann.

Catharina foi a primeira mulher da família Witt a romper com a endogamia étnica. O noivo Louis Brandão Feijó (agricultor e curtidor), de origem brasileira, era filho ilegítimo de Maria Rosário da Conceição. Belarmina foi a segunda mulher a romper com a endogamia étnica, no momento do casamento com Profirio Martins de Spíndola, de origem brasileira e filho de José Martins Spíndola e Maria Joaquina Venatrio. Na ocasião do casamento, em 1879, o noivo tinha 28 anos de idade. Apesar de ambos os noivos professarem a religião católica, os matrimônios foram realizados e registrados no Livro de Registros da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas. A inserção de membros de origem brasileira no núcleo familiar dos Witt leva-nos a partir do pressuposto de que houve a necessidade de ampliação da rede de relações sociais, seja via laço de vizinhança, pois os Witt praticavam a agricultura no distrito de Maquiné (local de origem do noivo); seja via laço de amizade. O rompimento da endogamia étnica também pode ser verificado no apadrinhamento de Belarmina Felisbina – foram padrinhos Felisberto Francisco da Silva e Bernardina Maria de Jesus - e Maria Luiza – apadrinhada por Cristina Kramer, Friedrich Hoffmann, Maria Luiza Hoffmann e Henrietta Pereira da Fonseca.

Maria Luiza manteve a endogamia étnica, em decorrência do casamento com Jacob Menger, filho ilegítimo de Maria Menger, em quatro de novembro de 1880. Ao que tudo indica, as famílias Witt e Menger mantinham laços de amizade antes do matrimônio do casal. Ao analisar o livro de registros eclesiásticos, observamos que os Menger foram padrinhos de algumas famílias que mantinham laços de amizade, parentesco e vizinhança com os Witt. Podemos citar, por exemplo, os Sparrenberg, Hoffmann, Schwartzhaupt, Beck. Em 1866, Catharina Witt, juntamente com Elisabetha Hoffmann, Catharina Beck, nascida Schwartzhaupt, Christian Menger, foram padrinhos de Catharina Maria Schwartzhaupt, filha de Peter Schwartzhaupt e sua esposa Margaretha Menger.

Benício Witt, filho do genearca, casou-se com Dorothea Geb e dessa união nasceram nove filhos. Dos nove netos de Johann Carl Witt, somente Margarida rompeu o laço de endogamia étnica, ao contrair matrimônio com Manoel Ricardo de Azevedo, evangélico e filho ilegítimo de Ricarda Rodrigues Azevedo. No quadro abaixo, listamos mais informações acerca dos enlaces matrimoniais e dos apadrinhamentos dos filhos.

dois anos de reclusão, sendo mantido pela caixa da instituição. Antes de ser encaminhado para a casa de correção, Bruschi era diarista em Wörbelin.

Sabemos que a família Witt residia em Conceição do Arroio e possuía terras nos distritos de Maquiné e São Domingos de Torres, conforme consta no inventário da família, em 1890. Nesta fonte encontramos informações sobre os laços matrimoniais realizados entre 1872 e 1887. Dos nove filhos, dois eram, na ocasião, menores de idade. Maria tinha 16 anos e Pedro Witt Sobrinho tinha 13 anos. Os três primeiros filhos, Miguel, Catharina e Christiano contraíram matrimônio com a família Gehrmann. Os cônjuges provavelmente eram descendentes do mesmo ramo familiar (irmãos). Tal fato reforça a hipótese de ampliação e fortalecimento de laços de parentesco.

Em relação à herança, mesmo após o falecimento de Benício Witt, a família permaneceu unida, uma vez que os nove filhos se fixaram “junto a casa de moradia de Miguel [Maquiné] e nas terras situados no distrito de São Domingos de Torres”⁷. Miguel era o filho mais velho e o tutor dos irmãos menores.

Tabela 1 - Compadrio e matrimônio dos netos do casal pioneiro

Nome	Idade	Casamento	Cônjuge	Idade	Origem	Padrinho de batismo
Miguel	21	14/12/1872	Maria Christina Gehrmann	17	Três Forquilhas	Michael Eberhardt, Michael Hoffmann e Andreas Hoffmann
Catharina	23	24/07/1875	Johann Gehrmann	21	Três Forquilhas	Carl Witt e Catharina Witt
Christiano	28	28/04/1883	Maria Carolina Felicidade Gehrmann	26	Três Forquilhas	Christian Weckmann e Christian Hoffmann Junior
Luiza (Elisabetha)	19	04/06/1881	Carlos Hoffmann	27	Três Forquilhas	Johann Jacob Knewitz, Elisabetha Becker e Elisabetha Knewitz
Carolina	21	31/08/1880	Carlos Sparrenberg	21	Três Forquilhas	s/informações
Margarida	-	04/12/1887	Manoel Ricardo de Azevedo	20	Três Forquilhas	Johannes Knippel, Margaretha Eberhardt
Carlos Witt Sobrinho	21	18/06/1886	Maria Luiza Gross	18	Três Forquilhas	Carl Driesch, Carl Witt e Dorothea Eberhardt
	22	14/02/1887	Catharina Maria Gross (prima da Maria Luiza)	18	Três Forquilhas	Idem
Maria	Filha solteira, 16 anos. Padrinhos: Maria Gehrmann, Maria Witt, Christian Witt e Christian Eberhardt					
Pedro Sob.	Filho solteiro, 13 anos. Padrinhos: Peter Witt, Barbara Witt, Louisa Gehrmann					

Fonte: Livro de Registros da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas, APERS, Osório, Cartório de Órfãos e Ausentes, Inventário, nº 248, maço 8, 1890.

A família do noivo de Luiza (Elisabetha) já era conhecida dos Witt, em decorrência da união de Carl Witt e Catharina Hoffmann (tia). Outro fato interessante é o matrimônio de Carlos Witt Sobrinho que, em 1886, casou-se com Maria Luiza Gross (faleceu no parto) e, em 1887, com sua prima, Catharina Maria Gross, pois provavelmente queria manter o laço

⁷ APERS, Osório, Inventário, Cartório de Órfãos e Ausentes de Osório, maço 8, 1890, nº 248.

de parentesco oficializado em 1886, em decorrência do seu primeiro matrimônio. Verificamos ao longo da análise dos livros de registros eclesiásticos que muitos laços de parentesco eram iniciados no momento do batismo dos filhos e, posteriormente, concretizados através do matrimônio.

O neto de Johann Carl Witt, Miguel Witt casou-se com Maria Gehrmann e teve dez filhos. Miguel era filho mais velho do casal Benício Witt e Dorothea Geb. Conforme inventário⁸, faleceu aos três de maio de 1920, com 67 anos de idade, vitimado por moléstia natural e residia no 2º Distrito de Maquiné. Conforme consta no inventário, Miguel possuía

260 metros de frente de terras de matto e agricultura, com 3.520 ditos de extensão, no lugar denominado Três Forquilhas, 2º distrito d'este município, com frente ao rio do mesmo nome e fundos para a terra, extremado pelo sul com terras dos herdeiros de Christiano Witt Sobrinho e pelo norte com as de Christiam Etter, adquiridos pelo inventariado por compra a Luisa König Voges, escrivão [sic] publica lavrada em 25 de junho de 1892⁹.

Até 1920, Alberto, aos 23 anos de idade, apareceu como solteiro. Cristiano Witt Sobrinho casado com Mathilde Brusch Witt, pais de sete filhos, faleceu no dia primeiro de abril de 1919, ou seja, um ano antes do óbito do pai.

José Albino, por sua vez já era viúvo, e segundo informações descritas no inventário, José “encontrava-se em lugar não sabido, no Estado de Santa Catarina, [...] que há dois annos, aproximadamente, ausentou-se d'este município”¹⁰. Na tabela abaixo constam as principais informações acerca das uniões matrimoniais e apadrinhamento dos filhos.

As filhas Carolina e Luiza, apadrinhadas pelas famílias Gehrmann, Witt, Schwartzhaupt, romperam a endogamia étnica ao firmar laços matrimoniais com a família Flores da Silva. Residentes no distrito de Maquiné, provavelmente eram irmãos e filhos do mestre sapateiro e agricultor Serafim Flores da Silva e Carolina Fleck.

Estratégia matrimonial semelhante foi adotada pelos irmãos João Leopoldo, Rosalina, Cristiano Witt Sobrinho e Carlos Witt Sobrinho. Os quatro filhos não vão romper com a endogamia étnica. Acreditamos que houve o fortalecimento dos laços de parentesco com a família Brusch (Bruch), através do laço matrimonial entre Christian (neto do casal pioneiro) e Catharina Bárbara Brusch. Portanto, partimos do pressuposto que neste caso (quatro uniões matrimoniais, tendo como cônjuge a família Brusch), a manutenção do laço de parentesco por gerações, deve ter pesado na escolha do cônjuge, além de ambas as famílias serem do mesmo ramo profissional: a agricultura (Ver quadro abaixo informações sobre o compadrio dos bisnetos do casal pioneiro).

Em relação aos cônjuges Brusch, podemos inferir que faziam parte da mesma parentela. Maria Brusch, noiva de João Leopoldo, era filha de Joaquim Brusch e Bárbara

⁸ APERS, Osório, Inventário, Cartório de Órfãos e Ausentes de Osório, maço 24, 1920, nº 758.

⁹ APERS, Osório, Inventário, Cartório de Órfãos e Ausentes de Osório, maço 24, 1920, nº 758.

¹⁰ APERS, Osório, Inventário, Cartório de Órfãos e Ausentes de Osório, maço 24, 1920, nº 758.

Witt. Carlos Brusch, cônjuge da filha Rosalina, era filho de Johannes Brusch Filho e Johanna Carolina Gehrman. Mathilde Brusch, contudo, filha de Christian Luis Brusch e Joanna Carolina Gehrman. Em relação à noiva de Carlos Witt Sobrinho não encontramos informações sobre o sogro e sogra. Mas ao que tudo indica, conforme afirmamos anteriormente, esses laços matrimoniais reforçam as relações sociais, via parentes, amizade e vizinhança, uma vez que os Gehrman, Brusch já eram conhecidos dos Witt, seja como noivo, noiva, madrinha e/ ou padrinho.

Tabela 2 - Compadrio e matrimônio dos bisnetos do casal pioneiro

Nome	Idade	Casamento	Cônjuge	Idade	Origem	Padrinho de batismo
Carolina	47	-	Pedro Flores da Silva	-	Maquiné	Carolina Gehrman, Carolina Witt e Carl Witt
Luiza	41	-	Leopoldo Flores da Silva	-	Maquiné	Johann Gehrman, Carl Schwartzhaupt, Johann e Wilhelmina Gehrman, Elisabetha Witt
João Leopoldo	40	-	Maria Brusch	-	Maquiné	Johann Gehrman, Christina Eberhardt, Benis Witt
Carlos Sob.	38	-	Luiza brusch	-	Maquiné	Carolina Gehrman, Carl Gehrman e Carl Witt
Maria	36	-	Cristovão Etter	-	Maquiné	Leopoldo e Carl Gehrman, Maria Witt e Maria Witt
Gustavo	35	-	Ernestina Kellermann	-	Maquiné	Benis Witt, Johannes Schwartzhaupt, Margaretha Witt, Luiza Gehrman
José Albino	31	Viúvo	-	-	Maquiné	Philipp e Philippina Becker, Peter Witt
Rosalina	25	-	Carlos Brusch	-	Maquiné	s/ informações
Alberto	23	Solteira	-	-	Maquiné	s/ informações
Cristiano Sob.	-	Faleceu em 01/04/1919	Mathilde Brusch	-	Maquiné	Christian Ludwig, Christian Witt, Bina Gehrman

Fonte: Livro de Registros da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas; APERS, Osório, Cartório de Órfãos e Ausentes, Inventário, nº 758, maço 24, 1920.

Nessa geração, percebemos também a inserção de cônjuges de outras famílias, como Etter (vizinho de Miguel Witt) e Kellermann. Cristóvão (Christoph Ettere) provavelmente era filho do mestre de alfaiate e agricultor, Joseph Ettere (natural da Baviera Renana) e Bárbara Justin. Os padrinhos de batismo de Christoph, em 1878, foram as famílias Kellermann, Justin e Schmitt. Decorre daí, possivelmente a aproximação de Gustavo com a família de Enerstina Kellermann. Percebe-se aqui a necessidade de ampliação da rede de

sociabilidade com outras famílias de origem germânica, visto que, ao longo da trajetória apresentada, tais famílias não apareceram firmando laços matrimoniais.

O casal Christiano e Mathilde Witt teve sete filhos, antes do falecimento do chefe da família no dia primeiro de abril de 1919. A propriedade do casal estava localizada no 2º distrito de Conceição do Arroio.

127 metros de frente com 3520 ditos de fundos de terras de agricultura, sitas na moradia do inventariado, 2º distrito deste município, fazendo frente ao rio Três Forquilhas e fundos a serra, extremado-se pelo sul com terras de João Santos e pelo norte com Miguel Witt, havidos pelo inventariado por compra de João Leopoldo Witt, publica de 23 de outubro de 1916, [mais] 97 metros de frente com 3520 de fundos de terras de agricultura sitos no 2º distrito do município, fazendo frente ao Rio Três Forquilhas e fundos a Serra, extremado-se pelo sul com terras de Christiano Eberhardt e pelo norte com de João Santos havidos pelo inventariado por compra a João Schwartzhaupt Sobrinho e José Albino Eberhardt¹¹.

Os sete filhos do casal Christiano e Mathilde Witt, ainda eram menores de idade, quando o pai Christiano faleceu. Não possuímos informações sobre os casamentos dos filhos, por isso não podemos afirmar se a família privilegiou manter a endogamia étnica e se os cônjuges faziam parte da extensa rede social tecida pela família ao longo das gerações; já em relação ao compadrio, prevaleceram as famílias com as quais já haviam sido firmados laços de parentesco.

Nesta trajetória familiar, desde o casamento do casal pioneiro até 1870, não houve o rompimento com a endogamia étnica. Somente em 1871 ocorreu o primeiro matrimônio exogâmico entre Catharina Witt (neta do genearca) e Louis Brandão Feijó, enquanto que o primeiro compadrio exogâmico ocorreu em 1879. A partir deste ano, em cada geração foi verificado rompimento com a endogamia étnica. Cabe destacar que foram as mulheres que casaram com cônjuges de origem brasileira.

Em nossa análise não privilegamos estudar a socialização pelo trabalho, mas vale destacar que a ocupação profissional possivelmente foi determinante em alguns casos, visto que a maioria dos cônjuges dedicava-se à agricultura. Por exemplo, Joaquim Bruschi, além de agricultor era pecuarista, Louis Brandão Feijó, agricultor e curtidor e Cristovão, agricultor e mestre de alfaiate. Assim, além dos cônjuges, os filhos, netos e bisnetos dos Witt, exerciam atividades ligadas à terra.

Enfim, a trajetória da família Witt demonstra que não apenas sobreviveram ao estigma e às difíceis condições de vida inicial, sobretudo (embora de forma modesta) encontraram estratégias que permitiram a inserção e manutenção da família, através do compadrio, casamento, via parentes, amizade e vizinhança.

Dos cinco matrimônios exogâmicos que pudemos resgatar, todos decorrem da iniciativa das filhas dos Witt, ou seja, não encontramos referências, ao longo da genealogia

¹¹ APERS, Osório, Inventário, Cartório Órfãos e Ausentes de Osório, maço 14, 1919, nº 464.

apresentada, de que os filhos do sexo masculino tenham estabelecido laço matrimonial com noivas brasileiras.

Partimos do pressuposto de que esse tipo de união matrimonial era aceitável, apesar de a mulher ter sido vista como a responsável pela preservação dos laços comunitários e dos costumes. Nesse sentido, acreditamos que não houve a preocupação em manter a identidade étnica, contudo foi a estratégia encontrada pelos Witt para tentar livrar-se do estigma de “ladrões de cavalos” e inserir-se na comunidade. Conforme afirma o autor Marcos Antônio Witt (2008, p. 281), “a rede grupal de apoio foi arquitetada e mantida a partir de batismos e casamentos, pois o convite para ser padrinhos e o encaminhamento por vezes sutil de jovens para se casar com pretendentes escolhidos cristalizavam-se como a *rocha firme* [...]”.

Compadrio da Família Scheck

Wilhelm Johann Scheck, nasceu no dia vinte e um de abril de 1743, na localidade de Damshagen/Mecklenburg. Casou-se com Maria Dorothea Wöhler, nascida em dezembro de 1784, em Dassow/Mecklenburg. Provavelmente o casamento do casal foi realizado no Estado Alemão antes de embarcar para o Brasil (tanto na lista de saída, quanto na lista de entrada de imigrantes, não encontramos informações exatas sobre a data do casamento do casal). Dessa união, em dezoito de abril de 1820, em Damshagen/Mecklenburg, nasceu Johann Heinrich Scheck¹². No entanto, cruzando essas informações com a lista dos emigrantes da Casa de Correção Rural de Güstrow, observamos informações incoerentes, no que se refere ao local de nascimento da esposa e filho de Scheck. Por exemplo, na documentação consta “número 88, sua esposa D. E. Wahler, local de nascimento Lüttgenhoff, 40 anos de idade”; seu filho aparece como “número 89, seu filho Johann Scheck, local de nascimento Mohr, 4 anos de idade”.¹³ Nesse caso, destacamos que é recorrente a variação da escrita dos nomes, conforme apontado acima pode variar de uma fonte para outra¹⁴.

Na Europa, Scheck exercia a profissão de alfaiate e, provavelmente concomitantemente, praticava a agricultura familiar em pequena escala. Emílio Willems ressalta que era comum na Alemanha do século XIX, o sistema misto “agrícola-industrial”. Analisando a organização econômica européia, constata maior variedade profissional entre

¹² ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes Alemães: 1824 – 1853*. Porto Alegre: EST, 2005, p. 100. Este livro corresponde à transcrição do Códice 333, no qual consta o nome e informações acerca dos imigrantes que entraram no Rio Grande do Sul entre os anos de 1824 e 1853.

¹³ Comprovação retificada. In: Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin MLHA Schwerin Kabinett I – Vol. 3: Acta, die erste Abführung von Landarbeitshäusern nach Brasilien betreffend, p. 34-42. Tradução de Martin Norberto Dreher.

¹⁴ Marcos Antonio Witt, enfrentou a mesma dificuldade. (WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul, Século XIX*, São Leopoldo: Oikos, 2008, p. 102).

os operários especializados e artífices. A variedade profissional pode “dar a impressão de uma rigidez estrutural”, porém observa que, a maioria dos operários e artífices registrados era proveniente de áreas rurais ou semi-rurais. Dito de outra forma, paralelamente à atividade agrícola, diversos lavradores ou agricultores, para complementar a renda familiar, desenvolviam outras atividades profissionais como, por exemplo, Hans Blöcker, que era diarista e marinheiro; Peter Frehse era caseiro e jardineiro; Johann Müller era servo da agricultura e soldado. Os exemplos citados caracterizam a estrutura econômica da época.

Nosso perseguido, Wilhelm Johann Scheck, como já foi apontado anteriormente, exercia a profissão de alfaiate. Ao que tudo indica, as transformações no Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin, levaram Scheck a migrar com sua família para outra região em busca de melhores condições de vida. No entanto, migrar para Güstrow levou-os para a Casa de Correção. A família Scheck e os demais 130 emigrantes, que compuseram a primeira “turma” de apenados das Casas de Correção, aportaram na tarde do dia 11 de outubro, segunda-feira, na Praia da Armação, Rio de Janeiro. Permaneceram por alguns dias na Praia da Armação, provavelmente, tempo necessário para que fosse feita a seleção das pessoas que ficaram no Rio de Janeiro, exercendo o ofício de soldado, e as pessoas que seguiram para Porto Alegre, com o objetivo de colonizar o território do Rio Grande de São Pedro. Em 18 de outubro, os colonos embarcaram na Sumaca Delfina¹⁵ com destino a Porto Alegre, onde chegaram “na segunda metade de novembro de 1824” (HUNSCHE, 1977, p. 534), sendo enviados para São João das Missões.

Contrariando a historiografia clássica, diversas famílias e avulsos voltaram de São João. Alguns se estabeleceram em Três Forquilhas, Torres e São Leopoldo, como é o caso da família Scheck. Concordamos com Sheila de Castro Faria (1998, p. 102) quando ressalta que “o homem pobre, [...] permanece por muito pouco tempo num mesmo lugar. Sua característica é a extrema mobilidade. Mover-se, em busca de melhores condições de sobrevivência, tornava-se uma atitude previsível e esperada”. Não sabemos, quando Wilhelm Johann Scheck chegou a São Leopoldo, mas ao que tudo indica não deve ter permanecido por muito tempo em São João das Missões, pois em dois de junho de 1843, seu filho Johann Heinrich Scheck casou-se com a Baronesa Mathilde Franciska Antoinette von Schlabrendorff, importante família católica. Após alguns anos, o Livro de registros de óbitos da Comunidade de São Leopoldo informa que Wilhelm Johann Scheck faleceu no dia dezenove de junho de 1850 e Maria Dorothea Wöhler, sua esposa, faleceu em vinte e nove

¹⁵ Em 23 de outubro de 1824, foi expedido por Luiz Martinho Lima Álvares da Silva, oficial maior da Secretaria do Estado dos Negócios Estrangeiros, lista dos colonos que devem ser transportados para Porto Alegre. Na lista constava terem sido embarcados na Sumaca Delfina 93 colonos, sendo que, quinze eram famílias e 26 avulsos. Desse total, a mulher de Joaquim Blecker, morreu antes do embarque. Frederico Alberto e sua mulher, Sofia Dorothea, não embarcaram porque o chefe da família queria ser soldado. Christiano Lichtsinring, Guilherme Ahrens, Carlos Schroeder e Jacob Jette também não embarcaram, por querer assentar praça. *Correspondência recebida pelos Governantes do Rio Grande do Sul de Ministros e outras autoridades do Governo Central (B-1.19, 1824).*

de dezembro de 1855, vítima da epidemia de cólera.

No ano de 1843, a 2 de junho, foram casados pelo Pastor Klenze:

O honrado e digno solteiro Johann Heinrich Scheck, de Damshagen, no Grão-ducado de Mecklenburg, 24 anos de idade, de igreja evangélica, alfaiate, residente em S. Leopoldo (junto ao Passo): legítimo filho de Wilhelm Johann Scheck, e de Maria Elisabeth, nasc. Wöhlert; e

a honrada e virtuosa senhorita Mathilde Franciska Antoinette von Schlabrendorff, de Vechte, no Grão-Ducado de Oldenburg, 22 anos de idade, de igreja católica: legítima filha de Friedrich Wilhelm von Schlabrendorff e de Maria Friederike, nasc. Wrede¹⁶.

O mapa de população de 1868 informa que a família Scheck (agora referimo-nos à família do filho) residia no quarteirão número três do primeiro distrito da cidade de São Leopoldo. Não podemos aferir, (por falta de informações) se o casal se estabeleceu na propriedade da família Scheck ou adquiriu propriedade própria, bem como, quanto e o que Scheck herdou pelo falecimento de seus pais. Todavia, informações mais concretas poderiam ser apresentadas, se a família Scheck tivesse produzido inventário. Como Wilhelm Johann Scheck e Maria Dorothea faleceram nos anos 50, é provável que não exista inventário. Tramontini justifica o fato, afirmando que entre as décadas de 30 a 50 era comum a família não proceder os autos de inventário. Além dessas lacunas, é lícito pensar que provavelmente Scheck herdou do pai a profissão de alfaiate (muito comum na Alemanha). Em 1868, contudo, o mapa de população informa que Scheck exercia a profissão de negociante, com rendimento mensal de 1:200\$000.

Analisando o livro de batismos de São Leopoldo, consta que a primeira filha do casal Scheck, Carolina Friederike Scheck, nasceu em 1848, na “Villa de São Leopoldo”. Os padrinhos da criança foram Barão Hubert Carl Anton Ludwig von Schlabrendorff, irmão de Mathilde, e a Baronesa Maria Frederike von Schlabrendorff, nascida Wrede, mãe de Mathilde (talvez para fortalecer os laços familiares). É possível verificar nos registros de batismo um costume da época, no qual a(o) batizada(o) recebe o nome da(o) madrinha (padrinho), no caso aqui apresentado, da avó materna.

A segunda filha nasceu em seis de janeiro de 1849. Carolina Johanna Scheck foi batizada em oito de abril, tendo como padrinhos Johann Bastian e Carolina, nascida Brenner. Nesse caso, Scheck ampliou os laços de parentela (vizinhança ou amizade), visto que o casal não tinha nenhum outro laço familiar. Além disso, o nome da criança, conforme já foi exposto, pode ter vindo tanto da madrinha quanto do padrinho. No livro de registros eclesiásticos de São Leopoldo somente duas filhas foram batizadas; quanto ao filho Henrique (aparece no mapa de população de 1868, como filho do casal e com 24 anos de idade) não encontramos informações.

Entre 1845 e 1876, a família Scheck apadrinhou quatorze crianças, sendo que quatro

¹⁶ DREHER, Livro de Registros da Comunidade Evangélica de São Leopoldo (CD-ROM).

afilhados eram da família von Schlabrendorff. Das quatro, três crianças eram filhos do Pastor Evangélico de São Leopoldo, August Wilhelm Klenze casado com a Baronesa Clara Henriqueta Klenze, nascida von Schlabrendorff, irmã de Mathilde Franciska Scheck. A outra criança batizada era filha do casal Heinrich Bier e Joaquina Rita Bier, nascida von Schlabrendorff (irmã mais nova de Mathilde F. Scheck). O livro de batismo, além de mostrar “verdadeira história familiar”, permite constatar os laços de afetividade entre as famílias, bem como a influência da família na comunidade, através do número de apadrinhamentos. Para Siriani, (SIRIANI, apud WITT, nota 101, 2008, p. 82) “os padrinhos eram escolhidos entre os parentes mais próximos ou entre as figuras mais ilustres da sociedade local, uma forma de garantir não apenas a introdução da criança no seio da cristandade como também proporcionar-lhe certo status quando os padrinhos eram abastados”.

Tabela 3 - Compadrio de Johann Heinrich Scheck e Mathilde, nascida Schlabrendorff

Data de nascimento	Batizando	Pais da criança	Data do batismo	Padrinhos	Local
24/07/1845	Catharina Matte	Peter Philipp Matte Philippina, nasc. Schneider	11/05/1845	Catharina Stock e Johann Heinrich Scheck	São Leopoldo
02/04/1848	Francisco Johann Adolf Klenze	August Wilhelm Klenze e Clara, nasc Schlabrendorff	29/06/1848	Johann H. Scheck e Mathilde, nasc. Schlabrendorff	São Leopoldo
11/06/1849	Wilhelmine Mathilde Johanna Bier	Heinrich Bier e Joaquina Rita, nasc Schlabrendorff	06/01/1850	Johann Scheck e Mathilde, nasc. Schlabrendorff	São Leopoldo
08/06/1854	Mathilde Johanna Petersen	Carl Heinrich Petersen e Francisca, nasc. Wrede	12/08/1854	Heinrich Scheck e Mathilde, nasc. Schlabrendorff	São Leopoldo
13/10/1858	Gustav Heinrich Wilhelm Rothfuchs	Peter Rothfuchs e Catharina, nasc. Bier	06/03/1859	Heinrich Scheck e Wilhelmine Bier (rep. Joaquina Bier)	São Leopoldo
08/04/1859	Caecilie Henriette Catharine Klenze	August Wilhelm Klenze e Clara, nasc Schlabrendorff	24/05/1859	Heinrich Georg Lorenz Scheck e Catharina Dorothea Louise Keppler	São Leopoldo
08/04/1859	Gabriel Louis Klenze	August Wilhelm Klenze e Clara, nasc Schlabrendorff	23/05/1859	Gabriel Carlsson (rep. Johann Scheck) Louise Mathilde (rep Mathilde Scheck)	São Leopoldo
19/10/1864	Johann Franz Petersen	Heinrich Petersen e Carolina, nasc. Crusius	01/01/1865	Johann Scheck e Mathilde Scheck	São Leopoldo
09/02/1867	Lina Mathilde Johanna Groskopf	Hermann Groskopf e Maria Carolina Groskopf	06/05/1867	Johann Scheck e Mathilde Scheck, Johann Schmidt e Carolina Schmidt	São Leopoldo
13/08/1871	Heinrich Anton Gass	Jacob Gass e Catharina Gass	08/10/1871	Heinrich Mathes, Heinrich Scheck, Elisabeth Dillingshausen, Anna	São Leopoldo

				Wink	
27/08/1871	João Frederico Schiel	Jacob Schiel e Anna Christina, nasc Dröschler	22/10/1871	Johann Scheck e Mathilde Scheck	São Leopoldo
02/04/1873	Heinrich Joseph Christian Friedrich Becker	Johann Jacob Becker e Maria, nasc. Nabinger	23/11/1873	Heinrich Scheck, Joseph Wolfenbüttel, Mathilde Scheck e Cristiane Scheck	São Leopoldo
07/10/1870	Christian Friedrich Reichmann	Heinrich Reichmann e Luise, nasc. Wulf	25/12/1873	Heinrich Scheck e Cristiane Scheck	São Leopoldo
18/02/1877	Christiane Hermine Mathilde Stöckel	August Stöckel e Carolina Seidler	28/12/1876	Christian Kessler e Mathilde Scheck, rep. Hermann Schröder e Mathilde Schröder	São Leopoldo

Fonte: Livro de Registro da Comunidade Evangélica de São Leopoldo (CD-ROM)

No registro geral dos colonos chegados (1824-1853) – C333 consta que Johann Heinrich faleceu em trinta de maio de 1893 em Porto Alegre. Não sabemos o ano que a família Scheck migrou para Porto Alegre; ao que tudo indica, a família montou um negócio. É lícito pensar isso, porque a filha Carolina Johanna Scheck casou-se em seis de janeiro de 1849 com Julio Issler. Conforme consta no livro de Magda Gans (2004, p. 62), Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX, Julio Issler era comerciante de secos e molhados (1873-1889) na Rua Bragança/PoA (depois chamada Rua General Silva Tavares e atualmente Rua Marechal Floriano). Até 1845, a base econômica da Colônia era balizada entre a agricultura e o artesanato. Após este período, contudo, ocorreu uma rápida dinamização produtiva e comercial em São Leopoldo. Para Janaina Amado, os verdadeiros donos de São Leopoldo, na década de 70 eram os comerciantes, uma vez que, de simples colonos e pequenos proprietários transformaram-se, aos poucos, em ricos, poderosos e influentes habitantes (diversos colonos, após adquirir certo capital na colônia, migravam para Porto Alegre, onde estabeleciam casas de comércio). Muitos destes comerciantes “romperam com o círculo fechado da economia colonial: drenando a produção agrícola do lote até Porto Alegre, do produtor ao consumidor, tornaram-se o elo de ligação entre dois sistemas econômicos diversos”(AMADO, 2002, p. 85)¹⁷. O exemplo abaixo reforça alguns

¹⁷ A partir de 1845, São Leopoldo deu um grande salto, no que tange ao desenvolvimento econômico. Vimos que os comerciantes obtiveram inúmeras conquistas econômicas em decorrência das transformações. Era a única classe social preparada para acompanhar a evolução por que passava a Colônia. A medida que a produção crescia em São Leopoldo, mais Porto Alegre se interessava em fortalecer vínculos com as áreas produtoras. O comerciante tinha papel significativo nessa dinâmica, pois era ele que contactava diretamente com os produtores (agricultores). Através do controle do sistema de preços, houve um aumento das desigualdades, visto que, “o comerciante passou a lucrar mais em 1874, já vendia os produtos em Porto Alegre com um acréscimo de 55 a 60%” (AMADO, Janaina. *A revolta dos Mucker*. 2 ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002, p. 86), enquanto que o colono deveria contentar-se com o que lhe era concedido. “As trocas, no início eram feitas à vista, passavam para o sistema de contas correntes: cada mercadoria comprada ou vendida pelo colono era anotada num livro, na coluna ‘deve’ ou ‘haver’, conforme o caso. Nunca corria dinheiro nas transações: eram todas à base de permuta. O agricultor estava irremediavelmente preso à venda. Era sempre devedor; o comerciante, credor” (Ibid, p. 86).

aspectos levantados até aqui.

Em 1889, Julio Issler, negociante de secos e molhados na cidade de Porto Alegre, foi credor de Christiano Spindler, também negociante no lugar denominado Nova Palmira. Spindler comprou mercadorias no valor de 1:478\$210 para revender no seu estabelecimento. Issler moveu uma ação ordinária contra o suplicando porque este “ainda não pagou a dita importância das mercadorias que comprou para revender” e porque não compareceu no juízo conciliatório para quitar a dívida. No entanto, o 1º cartório julgou a causa passada e requer que “se digne mandar que se lhe dê [Christiano Spindler] a competente carta de sentença”¹⁸.

Já a filha Malvina Carolina Issler nascida em cinco de março de 1873, casou-se em 1892, em Porto Alegre, com Matheus Aluísio (Luis) Leopoldo Englert¹⁹, nascido em vinte e nove de agosto de 1861, em São Leopoldo. O enlace matrimonial foi realizado em dezanove de agosto de 1892, em Porto Alegre. Dessa união nasceram Maria Luisa Brunilde Englert, Luiz Adolpho Gaston, Irma Malvine, Lino Ignácio Victor, Clotilde Maria Paula, Luiz M. Nicolau, Rodolpho José Antônio e José Carlos Albano Englert. Luis Englert foi importante político, mineralogista e professor da escola de engenharia da UFRGS, tendo falecido em nove de dezembro de 1931. Encerro aqui, a trajetória de mais uma família descendente de ex-presidiários, que ao contrário da historiografia, conseguiu se estabelecer, acionar recursos e estratégias para se inserir, bem como adquirir prestígio e destaque na sociedade local.

Conclusão

Ao recuperarmos a trajetória de algumas famílias, buscamos analisar as relações sociais estabelecidas e organizadas pelas famílias para se inserirem na vida cotidiana da comunidade receptora. Essas relações sociais podem ser tanto as redes de parentesco, de

¹⁸ APERS, São Leopoldo, Ação ordinária, Cartório do Cível e Crime de São Leopoldo, maço 20, 1887, n. 771.

¹⁹ Era filho de Adolpho Englert e Maria Luiza, nascida Daudt; e neto do comerciante e ferreiro Johann Cornelius Franciscus Englert, de Heigenbruck, junto a Aschaffenburg e Phillippine, nascida Klein, de Tiefenbach, junto a Alt-Simmen. Por ocasião do seu falecimento em quinze de fevereiro de 1865, Johann Cornelius Englert deixou como herança “hum sobrado situado na Rua do Passo, com três portas e três janellas, hum portão com o competente terreno (3:000\$000); huma casa na mesma rua com três janellas e duas portas com o competente terreno (3:000\$000); huma casa situada na Rua da Igreja desta cidade com hum portão e duas janelas (2:500\$000); huma colônia de terras de mattos situado no Padre Eterno (32\$000); ¾ de colônia na margem direita do Rio dos Sinos (500\$000) e oitenta pés de laranjeiras na mesma colônia (80\$000)”, totalizando um monte-mór de 9:112\$000 (APERS, São Leopoldo, Inventário, 1º Cartório de Órfãos e Ausentes de São Leopoldo, maço 13, 1865, n. 365.). Consta no inventário a venda do sobrado localizado na Rua do Passo com o objetivo de pagamento dos credores Adolfo Englert e André Jung. André Jung, em dez de junho de 1861, pagou a “Conta para o meu sogro João Cornelius de dinheiro que paguei pela Compostura de uma casa e um sobrado na Rua do Passo” (4.500 tijolos, sete linhas, duas dúzias de caibros, dois carros de pedra com soleiras, cinco dúzias de repasse telhas, ao petreiro E. Prack, taboas, uma linha e seis caibros, madeira e taboas, mil tijolos, carreteiro, cal, marcineiro, taboas, varias mendezas e mil e quinhentos tijolos, somando 924\$900). Adolfo Englert, em dez de junho de 1861 (...) pagou a “Conta para meu pai” (jornal de um negro, aos carpinteiros, ripas, caibro, arreja, uma dúzia de taboas, ao marcineiro, aos mesmos, ao Carlos Roth, no paço, ao petreiro, ao pintor, aos carreiteiros, um coxo, ao Reichman, colletoria, ao Guilherme Hertel e A. C. Schlüter, somando 367\$900).

vizinhança, de amizade, profissionais, confessionais quanto outras intrinsecamente ligadas ao cotidiano dos indivíduos. Dito de outra forma, se entendemos a sociabilidade como as múltiplas redes espontâneas estabelecidas entre os indivíduos em uma determinada sociedade, é dessa forma que devem ser entendidas as redes estabelecidas pelos Scheck e Witt, ao longo das gerações.

Contrariando a tese do isolamento e a tese do desaparecimento, apontadas pela historiografia clássica, constatamos que os mecklenburgueses que migraram para o Rio Grande do Sul desenvolveram estratégias para conseguir se inserir na lógica da comunidade local (Três Forquilhas, Torres, São Leopoldo, Porto Alegre). O insucesso de São João das Missões não se deveu ao elemento humano.

Através da abordagem micro-analítica, é possível revisitar os temas já tradicionais na historiografia (imigração, família), bem como trazer à tona novas possibilidades para a análise dos comportamentos sociais, neste caso, os apadrinhamentos desenvolvidos no cotidiano das áreas colonização do Rio Grande de São Pedro, uma vez que de outra forma (nível macro) não poderiam ser observadas. “As obras que trazem dados estatísticos colaboram para a análise da imigração; no entanto, muitas vezes deixam de estabelecer conexões entre os diversos núcleos coloniais, famílias ou redes de apoio” (WITT, 2008, p. 281). Em outras palavras, somente a partir da análise micro-analítica do compadrio foi possível constatar aspectos da vida cotidiana, as relações familiares com indivíduos e o meio social.

Se o objetivo era relativizar a tese do isolamento e a tese do desaparecimento dos mecklenburgueses no Rio Grande do Sul, acreditamos que através do estudo do compadrio foi possível observar o comportamento social daqueles sujeitos estigmatizados e esquecidos pela historiografia. A história tem também a função de dar voz e dignidade aos calados.

Referências Documentais

Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul (APERS)

- Ação ordinária de Júlio Issler e Christiano Spindler, auto 771, maço 20, 1887, Cartório do Cível e Crime de São Leopoldo;
- Autos de inventário de João Cornelius Englert e Catharina Felisbina Englert, auto 365, maço 13, 1865, 1º Cartório de Órfãos e Ausentes de São Leopoldo;
- Autos de inventário de Augusth Guilherme Klenze e Clara Klenze, auto 289, maço 10, 1862, 1º Cartório de Órfãos e Ausentes de São Leopoldo;
- Autos de inventário de Clara Klenze e Francisco Klenze, auto 289, maço 10, 1877, 1º Cartório de Órfãos e Ausentes de São Leopoldo;
- Livro do Tabelionato de São Leopoldo (de quatro de setembro de 1846 a sete de fevereiro de 1852);
- Registro Paroquial de São Leopoldo (1856-1870);
Torres, Três Forquilhas e Osório

Ação executiva de Henrique Witt [sic], auto 110, maço 2, 1908, Cartório do Cível de Torres;
Ação executiva de Carlos Witt, auto 154, maço 2, 1908, Cartório do Cível de Torres;
Ação executiva de Benício Witt, auto 100, maço 2, 1908, Cartório do Cível de Torres;
Ação executiva de Pedro Witt, auto 113, maço 2, 1908, Cartório do Cível de Torres;
Autos de arrolamento de Benício Witt e Maria Carolina Witt, auto 264, maço 8, 1900,
Cartório de Órfãos e Ausentes de Torres;
Autos de arrolamento de Catharina Witt [sic] e João Gehrmann, auto 223, maço 7, 1896,
Cartório de Órfãos e Ausentes de Torres;
Autos de arrolamento de Henrique Witt e Luiza Carolina Witt, auto 685, maço 21, 1912,
Cartório de Órfãos e Ausentes de Osório;
Autos de arrolamento de Pedro Witt e Balbina Witt, auto 26, maço 1, 1898, Cartório do Cível
do 2º Distrito de Torres;
Autos de arrolamento de Mathilde Bruschi Witt e Cristiano Witt Sobrinho, auto 464, maço 14,
1919, Cartório de Órfãos e Ausentes de Osório;
Autos de arrolamento de Maria Germano Witt e Miguel Witt, auto 758, maço 24, 1920,
Cartório de Órfãos e Ausentes de Osório;
Autos de inventário de Benício Witt e Dorothea Witt, auto 248, maço 8, 1890, Cartório de
Órfãos e Ausentes de Conceição do Arroio;
Registro Paroquial de Torres (1851-1865);
Registro Paroquial de Osório (1855-1867);
Núcleo de Estudos Teuto-brasileiros (NETb)

Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin MLHA Schwerin Kabinett I – Vol. 3:
Acta, die erste Abführung von Landarbeitshäusern nach Brasilien betreffend;

Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin Mlha Schwerin. Kabinett I. Vol. 3ª:
Rückwert: Brasilien, 1824(2), 1825(2), 1826, [1828];

Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin Mlha Schwerin Kabinett I – Sig. 54:
Acta, die zweite Abführung von Stock- und Zuchthausgefangenen nach Brasilien
betreffend;

Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin - Mlha Schwerin. Kabinett I. Acta,
Abführung von Sträflinge und Vagabunden aus Dömitz, Bützow und Güstrow nach
Brasilien durch Rittmeister Hanfft, betreffend.

Mecklenburg Geheimes und Haupt-Archiv Schwerin Mlha Schwerin Kabinett I.

Referências Bibliográficas

Documentos transcritos:

DREHER, Martin Norberto (Org.). Livros de Registro da Comunidade Evangélica de São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil (século XIX). 2ª Edição. São Leopoldo: UNISINOS, 2004 (CD-ROM).

Livro de Registro da Comunidade Evangélica de Três Forquilhas (gentilmente cedido pelo historiador Marcos Antônio Witt).

Bibliográficas:

AMADO, Janaína. *A revolta dos Mucker*. 2 ed. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.

BOTELHO, Tarcício R. Estratégias matrimoniais entre a população livre de Minas Gerais: Catas Altas do Mato Dentro, 1815-1850. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, Caxambú, MG, Brasil, 2004. Disponível em

<http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_65.pdf>
Acesso em: 30 abril 2009.

- BOTELHO, Tarcísio R. Batismo e compadrio de escravos: Montes Claros (MG), século XIX. *Locus Revista de História*. Juiz de Fora: EDUFJF, 1997, pp. 108-115, v. 3;
- BRÜGGER, Silvia MJ. *Minas Patriarcal - Família e Sociedade* (São João del Rei, Séculos XVIII e XIX), 2002, Tese (Doutorado em História) -- UFF, Niterói, 2002, cap. 5.
- BRÜGGER, Silvia Maria Jardim. Compadrio e Escravidão: uma análise do apadrinhamento de cativos de São João del Rei, 1730-1850. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14, Caxambú, MG, 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_119.pdf>. Acesso em: 15 out. 2009.
- DREHER, Martin Norberto. São Leopoldo e Três Forquilhas – relações humanas. In: ELY, Nilza Huyer e BARROSO, Véra Lucia Maciel (Orgs.). *Raízes de Terra de Areia: marcas do tempo*. Porto Alegre: EST, 1999a, p. 235-236
- FARIA, Sheila de Castro. *A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- FENSTERSEIFER, Ellen. *Aspectos gerais da Colônia alemã de Três Forquilhas*. 1973. Trabalho de conclusão (Graduação em História) -- Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 1973.
- FERREIRA, Roberto Guedes. *Na Pia Batismal*. Família e Compadrio entre Escravos na Freguesia de São José do Rio de Janeiro (Primeira Metade do Século XIX). 2000. Dissertação (Mestrado em História) -- PPGHIS-UFF, Niterói, 2000;
- GANS, Magda Roswita. *Presença Teuta em Porto Alegre no século XIX (1850-1889)*. Porto Alegre: UFRGS/ANPUH/RS, 2004.
- GINZBURG, Carlo. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand, 1989, p. 169-178.
- GINZBURG, Carlo. Micro-história: duas ou três coisas que sei a respeito. In: *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 249-279.
- GÓES, José Roberto. *O cativo imperfeito*. Um estudo sobre a escravidão no Rio de Janeiro da primeira metade do século XIX. Vitória (ES): SEJC/SEE, 1993.
- GUDEMAN, Stephen & SCHWARTZ, Stuart. Purgando o pecado original: compadrio e batismo de escravos na Bahia no século XVIII, In: REIS, João José (Org.) *Escravidão e Invenção da Liberdade*. Estudos sobre o negro no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- HUNSCHE, Carlos H. *O biênio 1824/25 da Imigração e Colonização Alemã no Rio Grande do Sul*. Província de São Pedro. 2 ed. Porto Alegre: A Nação, 1975.
- LEVI, Giovanni. *A herança imaterial. Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- MACHADO, Cacilda. Casamento & Compadrio. Estudo sobre relações sociais entre livres, libertos e escravos na passagem do século XVIII para o XIX (São José dos Pinhais - PR). In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 14., Caxambu, MG, Brasil, 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_134.pdf>. Acesso em: 30 abril 2009.

- MACHADO, Cacilda. *A Trama das Vontades. Negros, pardos e brancos na produção da hierarquia social (São José dos Pinhais – PR, passagem do XVIII para o XIX)*. 2006. Tese (Doutorado em História) -- UFRJ/IFCS, Rio de Janeiro, 2006.
- MACHADO, Cacilda. As muitas faces do compadrio de escravos: o caso da Freguesia de São José dos Pinhais (PR), na passagem do século XVIII para o XIX. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 26, n. 52, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882006000200004>. Acesso em: 21 out. 2009.
- MONTEIRO, Roberta Ruas. Compadrio de Escravos no Rio de Janeiro Setecentista. In: *ENCONTRO DE HISTÓRIA*, 13, Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: <http://www.encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212953674_ARQUIVO_Compadriodeescravos_anpuh.pdf>. Acesso em: 21 out. 2009.
- NEVES, Maria de F. Rodrigues das. Ampliando a família escrava: compadrio de escravos em São Paulo do século XIX. In: *História e População*. São Paulo: ABEP/IUSSP/CELADE, 1989;
- REVEL, Jacques. *Microanálise e construção social*. In: _____. *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- RIOS, Ana Maria Lugão. *Família e Transição*. Famílias negras em Paraíba do Sul 1872-1920. 1990, Dissertação (Mestrado em História) -- PPGHIS-UFF, Niterói, 1990, pp. 56-59.
- ROSA, Gilson Justino da. *Imigrantes Alemães: 1824 – 1853*. Porto Alegre: EST, 2005, p.25.
- SALLES, Maria do Rosário R. Imigração, Família e redes sociais: a experiência dos 'deslocados de guerra' em São Paulo, no pós Segunda Guerra Mundial. In: *ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS*, 14, Caxambú, MG, Brasil, 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_586.pdf>. Acesso em: 30 abril 2009.
- SIQUEIRA, Ana Paula Pruner. As relações de compadrio em terras de pecuária na segunda metade do século XIX. In: *ENCONTRO ESTADUAL DE HISTÓRIA*, 9, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://www.eeh2008.anpuh-rs.org.br/resources/content/anais/1212158059_ARQUIVO_textointegralanpuh-rs.pdf>. Acesso em: 21 out. 2009.
- SLENES, Robert W. "Senhores e Subalternos no Oeste Paulista", in ALENCASTRO, Luiz Felipe de (Org.). *História da Vida Privada no Brasil. Império: a corte e a modernidade nacional*. SP, Cia. das Letras, 1997, p. 271.
- WEIGERT, Daniele. Escravidão, compadrio e família em Palmas na Província do Paraná: um estudo de trajetórias de famílias cativas. In: *4 Encontro de Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*. Curitiba, 2009. Disponível em: <<http://www.labhstc.ufsc.br/ivencontro/pdfs/comunicacoes/DanieleWeigert.pdf>>. Acesso em: 21 out. 2009.
- WITT, Marcos Antônio. *Em busca de um lugar ao sol: estratégias políticas, imigração alemã, Rio Grande do Sul, Século XIX*, São Leopoldo: Oikos, 2008.